



# Quando a vida é curta

**P**assagens compradas, a viagem estava marcada para mais alguns dias; o destino era Rondônia, o objetivo era fotografar pássaros. Quem sabe até dar sorte e registrar alguma imagem das 20 espécies que faltam na WikiAves, site de internet que reúne o trabalho de fotógrafos que clicam passarinhos.

Já imaginava as poses de cambacicas, trinca-ferros, tiri-ba de barriga vermelha e muitos outros bichinhos de asa que sobrevivem ao apressado e desassistido desmatamento do estado do vasto norte brasileiro. A área de plantio de grãos tem crescido a uma média de 20% por ano; Rondônia ainda tem café, mandioca e outros produtos agrícolas onde, até outro dia, era mata fechada. Mas 804 espécies de passarinhos resistem.

Fotografar pássaros não é uma distração. Ao contrário, vira obsessão. Exige alguma técnica e muita paciência; um pouco de sorte e um bom equipamento. E mais: tirocínio, bom ouvido e ser madrugador. Estima-se que haja 45 mil fotógrafos de pássaros no Brasil — bird-watchers, para seguir o termo inglês desse hobby já centenário.

Ainda há quem despiste a polícia para promover sanguinárias rinhas em que curios, papacapins e outros emplumados se enfrentam até a morte; há também os que usam gaiolas para prender as aves, para deleite de quem acredita que dar alpinismo e água compensa a falta de liberdade, ou até ganhar dinheiro e prestígio na disputa de campeonatos de canto. Mas essas são paixões sádicas.



Tão tortas quanto a de pais que munem filhos de espingardas de chumbinho para mirar em rolinhas; tudo porque esses pequenos columbinos, aparentados das pombas, não cantam, só arrulham. Eu cheguei a presenciar um massacre de pombos num clube de tiro, prática hoje abolida, desde que substituíram os pássaros por discos.

Ao nosso amigo, no entanto, bastava fotografar a beleza e a graça dos passarinhos. Um verdadeiro amante dos voadores.

Depois de anos voltados a ensinar futuros jornalistas a encarar a realidade nua e crua, a enfrentar poderosos com coragem e ética, o

professor Luiz Gonzaga Motta dedicava-se à pureza de fotografar pássaros. Já havia juntado uma bela coleção de registros quando foi pego por um mal súbito no quintal de casa. A morte, aos 80 anos, interrompeu a nova obra.

Parou também com outro hobby recente: a criação de seis galinhas poedeiras, o que fazia com que ele distribuisse ovos entre os amigos para escoar a produção. Nada surpreendente para quem chegou a criar um cavalo no mesmo quintal, com o qual trotava pelos canteiros do Lago Norte.

Mas Baga — era assim que os amigos o chamavam — era

um professor em tempo integral. Não precisava de cátedra para ensinar ética, postura e decência, bastava o exemplo. Aposentado, estava dando um tempo na objetividade e vinha se arriscando pela ficção, escrevendo contos, crônicas e gestando o que seria um romance.

Também não deu tempo. A vida foi curta para tantos projetos, sonhos acalentados e aquecidos à espera de uma ocasião. Mas, se vai o professor, ficam as lições deixadas a tantos alunos, e aí estão incluídos os amigos, que nem precisaram se matricular para receber tanto ensinamento.